

IDENTIDADE DE BAIRRO E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM ÁREAS DE URBANIZAÇÃO POPULAR DE SALVADOR: ESTUDO DE CASO NO BAIRRO DO CURUZU

Flávia Silva de Souza*

RESUMO: *O presente trabalho busca o entendimento do significado do “bairro” na cidade contemporânea, sob o ponto de vista de quem vivencia o espaço. Com base nos estudos da Geografia Humanística, compreende-se que o espaço pode ser estudado a partir das idéias de um povo, na corrente da experiência. Através da percepção, da vivência e da experiência dos moradores, baseando-se num olhar fenomenológico, analisa-se o bairro como espaço vivido e sentido, cada morador incorporando, a sua maneira, os elementos presentes em “seu” bairro. Foram realizadas entrevistas gravadas e solicitada a confecção de mapas mentais pelos moradores do bairro do Curuzu, em Salvador, observando-se quais os elementos mais desenhados, tratando-os como marcos referenciais que determinam a imagem do bairro; os moradores também identificaram no mapa do Curuzu seus limites e pontos referenciais. Trabalhou-se com uma amostra qualitativa de 21 entrevistados, sendo 11 homens e 10 mulheres, com idades de 15 a mais de 80 anos. Os resultados apontam para semelhanças evidentes, quanto aos limites e aos elementos marcantes, indicando um “bairro” consolidado na percepção e na experiência de seus habitantes. No Curuzu, são notáveis os aspectos culturais que demonstram sua forte ligação com as tradições afro-brasileiras. As manifestações culturais “emergentes”, relacionadas com a atuação de terreiros de candomblé e do bloco Ilê Aiyê, tornam-se, gradativamente, hegemônicas no bairro. Elas só podem ser consideradas “emergentes” vistas no contexto da cidade, como afirmação da cultura negra numa metrópole desigual e segregacionista.*

Palavras-chave: Bairro; Geografia Humanística; Fenomenologia; Curuzu; Salvador

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como enfoque principal entender o significado do bairro sob o ponto de vista de quem vivencia este espaço. Busca-se um resgate da identidade de bairro, que vem perdendo a cada dia seu conteúdo cultural, mas onde ainda se mantém “a resistência daqueles que querem ser donos do seu cotidiano” (SOUZA, 1989, p. 147). Resgatar a historicidade do bairro equivale a procurar aqueles traços comuns, “que, a despeito das transformações ao longo do tempo e das diferenças interesaciais, permitem que enxerguemos uma certa unidade” (SOUZA, 1989, p. 153).

Com base nos estudos da Geografia Humanística, compreende-se que o espaço pode ser estudado a partir das idéias de um povo na corrente da experiência. Trata-se da análise do bairro através da percepção, da vivência e da experiência dos moradores, baseando-se num olhar fenomenológico, que trata o bairro como um espaço que, por força das relações sociais, constitui para os moradores um espaço vivido e sentido, porém com uma intensidade que varia de pessoa para pessoa, ou seja, cada indivíduo incorpora a sua maneira os elementos presentes em “seu”

* Acadêmica do Curso de Geografia, da Universidade Federal da Bahia, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: flaviasouza04@yahoo.com.br. Orientador: Professor Doutor Angelo Szaniecki Perret Serpa, do Departamento e do Mestrado de Geografia, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: angserpa@ufba.br.

bairro, que acaba por obter uma “identidade intersubjetiva aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade ainda que com variações” (SOUZA, 1989, p. 149).

METODOLOGIA

A pesquisa se baseou na leitura de referenciais teóricos que embasaram suas estratégias metodológicas. Posteriormente, foi feito um levantamento bibliográfico para desvendar um pouco da história do bairro do Curuzu; para isso, consultaram-se os seguintes órgãos: CONDER – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e a AMAC - Associação de Moradores do Curuzu.

Foram realizadas entrevistas gravadas com os moradores do bairro e solicitada a confecção de mapas mentais, observando quais os elementos mais desenhados, tratando-os como marcos referenciais que determinam a imagem que os moradores têm do bairro onde moram; os moradores também foram solicitados a identificar no mapa do Curuzu os pontos referenciais e os limites do bairro. Com o auxílio de um mapa da CONDER, a área do Curuzu foi delimitada, assim como os setores censitários do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nos anos de 1996 e 2000; o Curuzu foi dividido em 24 setores censitários, selecionando-se as seguintes variáveis: número de habitantes, sexo e faixa etária. A área de estudo do Curuzú é composta por uma população total de 23.108 habitantes, dos quais selecionou-se uma amostra qualitativa de 21 entrevistados, sendo 11 homens e 10 mulheres, com idades que variam de 15 a mais de 80 anos. As entrevistas foram distribuídas espacialmente pelo bairro, trabalhando-se nas seguintes ruas: Rua Direta do Curuzu, Rua Braúlio Pereira, Rua Nadir de Jesus, Rua da Alegria, Ladeira dos Frades, Vila Operária e Adelino Santos.

UM BREVE HISTÓRICO DO BAIRRO DO CURUZU

O Curuzu possui uma população de baixa renda e sofre com problemas de infra-estrutura urbana. A sua história está relacionada à história do bairro da Liberdade, que, na segunda metade do século XIX, era conhecido como Estrada da Boiada, por onde passavam os bois que eram levados para o matadouro do Retiro. Onde só existia uma vegetação abundante, o Curuzu foi se constituindo, inicialmente com poucas casas, configurando uma paisagem de “roças”, com amplas extensões de terra. Os moradores mais antigos retratam bem esta época:

“Olha o Curuzú era mato fechado, rua estreita, casa de palha...” (Mãe Hilda-81 anos).

“Quando eu cheguei aqui a rua não tinha nada, aqui era mata fechada” (Jerônimo Sena Cerqueira-84 anos).

Ainda segundo Mãe Hilda, o Curuzu surgiu da necessidade de moradia. As pessoas passaram a arrendar as terras que, na época, eram dos Martins Catharino¹, proprietários da União Fabril, construindo suas casas e promovendo, assim, o lento crescimento do bairro.

Em relação ao nome do bairro, os moradores não são unânimes quanto a sua origem. Alguns dizem que é de origem indígena, pois, durante a independência da Bahia, um índio chamado Curuzu teve grande destaque em batalhas ocorridas na principal rua do bairro. Outros dizem que é um nome de origem africana, vem do ioruba e significa “bolo fecal”. Há ainda

¹ Apesar de questionada pelas associações de moradores a posse da família Martins Catharino foi legitimada pela Secretaria Municipal de Terras na gestão de Lídice da Mata e abrange outros bairros de Salvador, como Plataforma e Fazenda Grande.

relatos de que no passado o bairro se chamava Vista do Bonfim, já que dali se avistava a igreja de mesmo nome.

O Curuzu começou a crescer na década de 1950, passando a sofrer suas primeiras intervenções, com a implantação da linha de água e esgotos; é desse período também a construção de uma lavanderia que compunha o Conjunto Assistencial Julia Kubstchek, junto ao primeiro posto médico, na época com menores dimensões. Segundo os entrevistados, a lavanderia era utilizada por toda a população do bairro; as mães iam lavar roupas e deixavam seus filhos brincando no parque localizado no Conjunto. Além da lavanderia, existia também uma fonte na Baixa dos Frades, onde os moradores buscavam suprir suas necessidades, até a chegada da água nas casas. De acordo com os moradores mais antigos, havia um dique muito grande próximo à Avenida San Martin, também bastante utilizado pelos moradores do local. Atualmente este dique foi canalizado e transformou-se em um esgoto a céu aberto, que os moradores chamam de “canal” ou “vala”. Este canal corre em frente às casas da Rua Nadir de Jesus, e a limpeza é feita pelos próprios moradores em forma de mutirão, conforme relato de Eliane Cavalcante (19 anos): “Há cooperação, quando vai limpar a vala”.

Porém foi, na década de 1970, que o Curuzu alcançou sua configuração atual, com a chegada do asfalto, uma das principais mudanças ocorridas no bairro. A fundação do Ilê Aiyê que, segundo alguns relatos, foi de grande importância para a história do Curuzu, a criação das escolas públicas Celina Pinho e Tereza Conceição Menezes, a ampliação e a reforma do posto médico datam também desse período.

O Curuzu tem uma forte ligação com a cultura afro-brasileira. Esta ligação esteve muito presente nas entrevistas, visto que, quando perguntados do que se lembravam ao ouvir a palavra “Curuzu”, 17 dos 21 entrevistados associaram o nome do bairro à descendência africana, à “cultura negra”. Existem no bairro muitos terreiros de candomblé², com destaque para o terreiro de Mãe Hilda (Ilê Axé Jitolu) e o terreiro de Hamilton (Vodum Zô), ambos atuantes em questões relativas ao bairro. O terreiro de Mãe Hilda possui uma escola de 1^a a 4^a séries, que atende as crianças do próprio bairro e está associada ao Ilê Aiyê. A escola foi criada para as filhas de santo do terreiro, porém Mãe Hilda quis que a mesma fosse ampliada para atender a comunidade. No início, as aulas eram ministradas no próprio terreiro, atualmente está localizada na nova sede do Ilê Aiyê. O terreiro de Hamilton desenvolve um trabalho de capoeira com os jovens do bairro, com o objetivo de tirá-los das ruas. Segundo relatos de alguns entrevistados e do próprio Hamilton, as imediações do terreiro eram pontos de drogas, e ele trouxe os jovens para dentro do terreiro, fazendo um trabalho de ajuda e conscientização. São duas entidades importantes para o Curuzu, e também são responsáveis por esta marca de ligação com a cultura afro-brasileira, que se intensificou ainda mais depois da fundação do Ilê Aiyê, em 1974. O Ilê Aiyê foi um dos elementos mais citados no decorrer das entrevistas. O bloco foi fundado em 1^o de novembro de 1974, com o objetivo de preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira. Foi o primeiro bloco negro de carnaval na Bahia, surgindo numa época quando só havia blocos com integrantes da classe média. Foi criado com o intuito de dar ao negro seu espaço no carnaval baiano. Nos depoimentos de alguns entrevistados isto ficou bem evidente:

“O Curuzú lembra minha liberdade de carnaval, foi quando eu saí no primeiro bloco negro de carnaval, o Ilê Aiyê” (Renivaldo Santana Sena-37 anos).

“Através do Ilê Aiyê nós começamos a ter chance em outros blocos porque quando não existia o Ilê Aiyê, a gente, de baixa renda, não podia sair no bloco chamado de branco” (Carlos Cruz da Conceição-45 anos).

² De acordo com pesquisa realizada por Sandro dos Santos Correia em 1997/98, foram identificados 27 terreiros de candomblé e sessões de giro no bairro do Curuzú (CORRÊIA, 1998).

O Ilê Aiyê surgiu a partir da politização de contingentes da juventude negra, com uma definição clara de identidade e objetivos. O vínculo histórico com a África passa a servir de referencial na construção de uma identidade negra em busca de afirmação (DANTAS, 1996, p. 154-155). A criação do Ilê Aiyê foi um marco importante para o Curuzu, e isto é muito presente entre os moradores do bairro, pois estes associam as “melhorias” do lugar à presença do “Ilê”, além de tratarem como acontecimentos importantes para o bairro o aniversário e a saída do bloco no sábado de carnaval. Creditam também ao sucesso do Ilê o fato de o Curuzu ter se tornado um bairro conhecido e valorizado:

“Olha o Curuzu há uns tempos atrás estava apagado, mas com o sucesso do Ilê, ele acendeu mais, tá mais energizado...” (Hildete Santos Lima-46 anos).

“Antigamente (...) tinha muito sofrimento, muito preconceito e hoje em dia não tem mais isso, hoje em dia é só falar no Ilê, todo mundo vem, a mídia, vem todo mundo filmar a gente aqui...” (Alexandra da Silva Moreira-21 anos).

O Ilê Aiyê juntamente com a Associação dos Moradores e Amigos do Curuzu (AMAC) e com os terreiros de candomblé Ilê Axé Jitolu e Vodum Zô, instituições com atuação intensa no bairro, estão inseridos nas chamadas redes sociais de Villasante (1994, p. 37-40), que englobam as redes globais, locais e submersas. Essas três linguagens são diferentes entre si, mas, segundo o autor, é facilmente visível a atuação delas no cotidiano das pessoas.

A rede global tem também uma presença muito forte em bairros da periferia de Salvador: Os poderes públicos trabalham nestes bairros com o discurso, por exemplo, de que o asfalto representa desenvolvimento e progresso, ou seja, que o bairro vem sendo bem assistido; os moradores, por sua vez, acreditam nas melhorias, e isto pode ser notado nos depoimentos como o de Flávio Alexandre da Silva-63 anos: “Quando eu cheguei aqui tudo era barro, hoje em dia tá um senhor Curuzu, tudo asfaltadinho...” Deste modo, o poder público atua no sentido de “maquiar” o bairro, para “vender” a impressão de que este é bem atendido, utilizando-se dessas obras para se promover em épocas de eleição.

As quatro instituições, Ilê Aiyê, AMAC e os terreiros de candomblé Ilê Axé Jitolu e Vodum Zô podem ser vistas como “redes locais”, já que desenvolvem atividades no bairro, entretanto cada uma delas contém em seu interior uma certa ideologia, esses grupos “quando se expressam, apresentam conteúdos muito divergentes entre si, com respostas ideologicamente muito antagônicas ou bastante complementares” (VILLASANTE, 1996, p. 38). Isto foi bem evidenciado nas entrevistas com os membros dessas instituições, principalmente em relação ao Ilê Aiyê, à AMAC e ao terreiro Vodum Zô: elas não são interligadas, cada uma atua no bairro à sua maneira e nem sempre reconhecem a atuação da outra; há até uma certa rivalidade, pois, com exceção dos membros da AMAC, que reconhecem a atuação significativa do Ilê Aiyê e do terreiro Vodum Zô, estes dois só associam as mudanças sociais ocorridas no Curuzu a sua própria atuação, sem reconhecer a importância das demais organizações locais.

As redes submersas e informais são redes de relações entre indivíduos, em decorrência de conexões pré-existentes, relações semiformalizadas que dão origem a quase grupos (WARREN, 1996, p. 168) e também atuam no Curuzu, observando-se muita união entre os vizinhos, cooperação, amizade e o interesse de muitos pelos problemas do bairro. Valdiria Lopes (41 anos) descreve um episódio que envolveu toda a população, mostrando essa união:

“Aqui tinha vários pontos de lixo, tinha ponto de lixo aqui de 40 anos e nós resolvemos acabar com isso. Então nós criamos o dia da vassoura, foi um momento que envolveu todas as pessoas, todas no intuito de fazer a coleta (...) e



transformar onde era um ponto de lixo em um jardim, então foi uma coisa que envolveu quase toda a totalidade dos moradores”.

Assim, de acordo com Villasante (1996, p. 41), todos pertencemos a diversas redes, não há uma rede única, mas sim redes superpostas, a depender do enfoque ideológico que se queira tratar.

OS ELEMENTOS MARCANTES DO CURUZU

Os moradores tratam como elemento marcante tudo aquilo que tenha alguma importância para o bairro. São os referenciais que produzem, segundo Souza (1989, p. 150), uma herança simbólica passada de geração a geração, sendo interiores ou exteriores ao bairro. Os referenciais mais citados no bairro do Curuzu foram: o Ilê Aiyê, o Posto Médico, as escolas Tereza Conceição Menezes e Celina Pinho, a AMAC, os terreiros Vodum Zô e o Ilê Axé Jitolu, a Clínica CATO, o Supermercado Bompreço, o Largo, as Amizades e os Moradores Antigos do bairro.

Dezesseis moradores consideram o Ilê Aiyê como uma referência significativa para o Curuzu. Segundo eles, o Ilê Aiyê é um “movimento negro”, que busca a valorização da “cultura negra”, ajuda os moradores a resolver as questões que envolvem o bairro e é importante para o reconhecimento do Curuzu na mídia. O Posto Médico foi citado sete vezes como referência do bairro. Segundo os relatos, atende pessoas do bairro e adjacências, atuando como um posto de emergência, porém é marcado pela insuficiência de recursos e pela falta de segurança. Alguns moradores relatam a necessidade de um posto com mais recursos para oferecer um atendimento de melhor qualidade:

“Você hoje não tem um ambulatório, se você tem um acidente você vem aqui, o médico coloca você no soro e você vai para outro lugar, não fica aqui, porque você não tem um lugar para tomar um balão de oxigênio, você não tem uma ortopedia [...] é um posto de emergência comum” (Carlos Cruz da Conceição-45 anos).

“Precisa de melhoramento no posto [...] às vezes a pessoa aqui em baixo se sente mal aí chega no Posto não tem recurso, aí tem que ir lá pro Ernesto Simões...” (Hildete Santos Lima-46 anos).

Mesmo com tais deficiências, o Posto Médico é muito relevante para o bairro e alguns moradores afirmam que, em relação à saúde, o Curuzu é bem atendido.

As escolas Celina Pinho e Tereza Conceição Menezes também foram citadas sete vezes. São duas escolas estaduais que, como a maioria das escolas públicas, sofrem com a falta de professores, infra-estrutura ruim, além do ensino de má qualidade. Porém um dos problemas que mais preocupa os moradores é a falta de segurança, pois, de acordo com alguns relatos, as escolas vêm se tornando pontos de venda e consumo de drogas. A segurança do bairro é motivo de preocupação dos moradores, visto que, quando perguntados sobre o que não mudou no Curuzu e sobre as indicações para andar no bairro, esta questão é evidenciada:

“O que não mudou é a violência, que está cada dia pior. A indicação é saber onde entrar, saber o horário que você deve entrar, os horários que você não deve entrar” (Rita de Cássia-34 anos).

“O Curuzu tá tendo muita violência, ninguém pode passar aí a partir das 7 horas [...] tá um perigo” (Lucicleide da Silva Trindade-16 anos).

Em contrapartida, para outros moradores, o Curuzu é um bairro “muito tranqüilo”:

“Eu acho o bairro muito bom, aqui é um bairro muito tranqüilo” (Danúbio Ronaldo Moura dos Santos-40 anos).

“O que mudou no Curuzú foi a violência, hoje você anda no Curuzú com mais tranqüilidade, pelo fato de os meninos de hoje terem acesso a lazer, acesso a sua história...” (Ramnsés Santos dos Santos-26 anos).

“Paz, tranqüilidade que este Curuzu traz pra gente” (Rafael Conceição de Figueiredo-18 anos).

Vale ressaltar que o Curuzu, apesar da presença das instituições atuantes no bairro, não possui nenhum posto policial, sendo esta uma das reivindicações dos moradores. Como mencionado acima, houve mobilizações no bairro referentes à falta d’água. Segundo os entrevistados, o Curuzu, há pouco tempo, não tinha água, porém os recibos de pagamento sempre chegavam, até que um grupo de moradores decidiu resolver o problema junto a EMBASA- Empresa Baiana de Águas e Saneamento S/A. O problema foi solucionado, porém não totalmente, já que ainda falta água no bairro, mas os moradores ficaram dispensados do pagamento do serviço por dois anos.

A limpeza urbana também foi um foco de mobilizações no bairro. Os moradores foram até a LIMPURB – Empresa de Limpeza Urbana/BA, para que ajudasse a solucionar os problemas existentes. Os próprios moradores também trabalharam, alugando um caminhão e começando a coleta. No local onde era o ponto do lixo, foi feito um jardim e, de acordo com relatos dos membros da AMAC, um trabalho de conscientização com os habitantes.

Um outro problema diz respeito à União Fabril (da família Martins Catharino), pois esta afirma ser a dona dos terrenos no Curuzu e já chegou no local querendo cobrar altos valores a título de aluguel ou então remover as famílias dali. Por este motivo, um grupo de pessoas resolveu promover reuniões para discutir a questão. As reuniões eram feitas no terreiro Vodum Zô, mobilizando os moradores para defenderem seus terrenos, utilizando o argumento do uso capião, já que eram moradores antigos no bairro.

Quanto às alternativas de lazer, muitos entrevistados afirmam que não existe nenhuma no bairro. Muitos explicam que o crescimento desordenado não permitiu que houvesse ali espaço para o lazer, principalmente para as crianças. Carlos Cruz da Conceição lembra com saudades do tempo em que não existia o asfalto, porque se brincava na rua sem correr o risco de ser atropelado. Já outros entrevistados acreditam que a melhor alternativa de lazer no Curuzu é o Ilê Aiyê, que promove ensaios gratuitos da banda, oferece cursos de dança, capoeira, dentre outros. Seu aniversário e a saída no sábado de carnaval são diversão “garantida” para os moradores. Há também uma quadra no colégio Tereza Conceição Menezes que, segundo alguns entrevistados, pode ser utilizada pela comunidade, havendo, porém, uma certa resistência da escola em oferecer o espaço. Alguns entrevistados reconhecem que, muitas vezes, as pessoas utilizam o espaço da escola para “bagunçar”. Para outros, o lazer quem cria são “eles mesmos”, pois vão a bares, saem com amigos para conversar ou costumam sentar em frente às suas casas para jogar dominó ou baralho, fato comprovado durante as visitas ao bairro.

A principal preocupação dos moradores é em relação ao lazer para as crianças. A AMAC, com a colaboração do Ilê Aiyê, promove todo ano, no dia 12 de outubro, um café da manhã para as crianças. É montada uma grande mesa na rua principal do bairro e, com o apoio da

comunidade (doação de alimentos), é servido o café da manhã. É montado também um palco, lugar de um dia inteiro de atividades, como as rodas da capoeira, música, apresentação de grupos de dança, futebol (as competições ocorrem na quadra do colégio Tereza Conceição Menezes), dentre outras. Este evento, embora ocorra anualmente, não foi citado por grande parte dos entrevistados.

Em relação ao comércio e aos serviços do Curuzu, alguns dos entrevistados afirmam que estes apresentam certa qualidade, sentem-se até independentes de outros bairros para fazer compras, procurar atendimento médico e educacional, reconhecendo, no entanto, que precisa haver melhorias. No decorrer desta pesquisa, foi feito um levantamento do comércio e dos serviços do bairro; há mercados, farmácias, mini-mercearias, lojas de roupas, sorveterias, salão de beleza, localizados dentro das ou junto às casas dos moradores. É um comércio de vizinhança, pois muitos surgem como uma alternativa de complementação do orçamento familiar. Há também a facilidade de o morador comprar nestes estabelecimentos para pagar depois, como foi explicitado no depoimento de Joselício Cruz Teixeira (34 anos): “tem mais bares, eles tratam bem, eles são conhecidos, nascidos aqui, eles tratam bem, compramos fiado, é tudo beleza”.

Ainda segundo alguns entrevistados, está havendo certo crescimento do comércio, principalmente na área entre a entrada do Curuzu, no Bompreço, e o Largo. Depois do Largo há menos estabelecimentos comerciais, o que é motivo de reclamação para alguns entrevistados, pois não há farmácia naquela área; do final da Ladeira do Curuzú até a Avenida San Martim há uma boa quantidade de estabelecimentos comerciais. Vale ressaltar um número significativo de salões de beleza e também de casas de cosméticos no Curuzu, todos trabalhando com penteados “afro”, utilizados pela maioria dos moradores do bairro, explicitando a forte ligação do bairro com a cultura afro-brasileira.

OS LIMITES DO CURUZU

A vivência do bairro necessariamente constitui um terreno mais ou menos comum para todo um conjunto de indivíduos, os quais vêm suas imagens mentais se aproximarem e se superporem (SOUZA, 1989, p. 150). Por isso, delimitar “seu bairro” não requer precisão, pois se baseia na existência de marcos referenciais que são do senso comum.

Em relação aos limites do Curuzu, 18 dos 22 entrevistados afirmam que este se inicia no Supermercado Bompreço e termina na Avenida San Martim. Estes moradores têm suas residências localizadas em várias partes do bairro, porém nenhum mora no final da ladeira. Eles afirmam ainda que o Curuzu abrange parte de outros bairros como Santa Mônica, São Cristóvão e Pero Vaz.

Quatro entrevistados afirmam que o Curuzu se inicia na Avenida San Martim e termina no Supermercado Bompreço; estes entrevistados residem próximo à Avenida San Martim, logo, para eles, este é o caminho de entrada no bairro, o seu percurso diário, onde compram o que necessitam; alguns dizem que pouco sobem a Ladeira do Curuzu para irem à Liberdade. Apenas para um dos entrevistados a ordem não importa, pode começar tanto no Bompreço, como na San Martim.

O SENTIMENTO DE PERTENCER AO BAIRRO

Uma sensação especial de familiaridade e intimidade com o bairro não se reproduz com a mesma intensidade ou da mesma forma relativamente a outros bairros da cidade (SOUZA, 1989, p. 150). Alguns indivíduos realmente criam uma forte ligação com o bairro onde moram, construindo uma “identidade de bairro”, pelo fato de considerá-lo - mesmo sendo periférico - “o

melhor lugar” da cidade para morar. O lugar onde se sente bem ao chegar, onde tem a sensação de estar em casa, em segurança. No Curuzu esta relação com o bairro é bastante evidente em alguns depoimentos:

“Pra mim o Curuzú é família, uma grande família” (Valdiria Lopes-41 anos)

“Me sinto em casa, a sensação de estar em casa” (Joselicio da Cruz Teixeira-34 anos)

“O Curuzu é um bairro pacífico, onde as pessoas se dão por inteiro, onde existe uma reciprocidade, muitas coisas boas” (Renivaldo Sena Santana-37 anos).

Nota-se, a partir de tais relatos, um forte sentimento de pertencer ao Curuzu. A amizade e o respeito entre os vizinhos é destaque nos depoimentos. Entretanto a solidariedade e o companheirismo, de acordo com Valdiria Lopes, vêm, aos poucos, se perdendo. De acordo com Souza (1989, p. 164), vem ocorrendo um certo enfraquecimento dessas relações nos bairros das grandes cidades e, com isso, da vida do bairro. Este sentimento de amizade se dá geralmente entre os vizinhos mais antigos do Curuzu, que falam com tristeza sobre o declínio das relações pessoais. Os entrevistados reconhecem que estas relações se dão mais no seio de bairros periféricos, como é o caso do Curuzu:

“Cooperação há com certeza, não vou dizer que é total, mas existe um espírito de cooperação aqui no Curuzu e é isso que a associação vem lutando para que não se perca, porque já foi bem maior, mas existe sim, e é isso que me atrai no Curuzu. Às vezes, estou na rua, em outro bairro, quando eu durmo em outro lugar, quando chego aqui no Curuzu estou na minha casa e conheço todo mundo, viu você pequena, aquela coisa, proteção” (Valdiria Lopes-41 anos).

“É muito fácil viver no Curuzu, porque se você sente alguma coisa, o vizinho que está ao seu lado, ele percebe que você não está bem, ele dá o ombro, ele lhe ajuda, já em bairros elitizados as pessoas não se conhecem, não se falam, não vivem [...] eu moro no Curuzu por causa disso, porque conhecendo uma boa parte da nossa cidade, até outros países, bairros elitizados, eu me encontrei aqui” (Renivaldo Santana Sena, 37 anos).

“Tem aqui aquele pessoal das famílias mais antigas, aqui ainda é normal a pessoa tomar tempero emprestado do outro, sal, farinha, há pouco tempo tinha uma família, que tinha um rapaz deficiente mental, o pessoal da comunidade simpatizou e, todo mês, reunia para dar cesta básica pra alimentar uma senhora mais os filhos, aqui é um lugar que ninguém passa fome, se tiver alguém com dificuldade sempre tem alguém pra ajudar” (Antônio Carlos dos Santos Vovô, 51 anos).

“Aqui, vizinho pobre é mais humano, com todas essas dificuldades, mas ele é mais ser humano, um vizinho pobre você bate na porta e fala assim ô, vizinha, tem sal? Ela vai lá dentro e te dá, e o rico esconde o que tem e manda você embora” (Hamilton Sacramento Costa).

Apesar de os depoimentos mostrarem a importância do Curuzu como espaço vivido para estes moradores (que também reconhecem suas deficiências), outros entrevistados não vêem o bairro com o mesmo sentimento. Conforme Souza (1989, p. 151), os diferentes moradores não encaram o bairro exatamente da mesma maneira. As diferenças e semelhanças ficam por conta

de fatores como classe social, faixa etária e ocupação. Alguns entrevistados não mostram muito entusiasmo ao falar do Curuzu, pois querem viver num bairro que ofereça melhores condições. Para estes, o tempo passa, e as melhorias para o Curuzu não acontecem:

“Eu passo por alguns lugares e eu vejo que são mais beneficiados do que onde eu moro” (Jerônimo de Sena Cerqueira-84 anos).

“É um bairro que tem muitos analfabetos, tem muito marginal” (Maria José dos Santos Figueiredo-53 anos).

“O Curuzu é um bairro esquecido pelos poderes públicos, um bairro onde falta água, onde falta luz...” (Hamilton Sacramento Costa).

OS MAPAS MENTAIS

Mapear o espaço vivido é uma tarefa complexa que exige do indivíduo coordenação e a aplicação prática das informações espaciais colhidas no cotidiano (SERPA, 1995, p. 197). No Curuzu, os entrevistados relutaram em desenhar e, quando desenhavam, o faziam com certo esforço. Nos mapas mentais desenhados pelos moradores do Curuzu existem certas particularidades, pois sete dos entrevistados preocuparam-se em desenhar os limites do bairro, identificando a Avenida Liberdade como entrada e a Avenida San Martim como saída, com destaque para o final de linha de ônibus ou “Largo do Curuzu”, o Ilê Aiyê, o posto médico, a AMAC, que foi desenhada por um membro da mesma, e a Clínica CATO, que foi desenhada por uma pessoa que mora próximo a ela. Nove entrevistados também identificam o Bompreço ou a Avenida Liberdade, dando a idéia de início do bairro, porém todos só desenharam até o Ilê Aiyê ou até a Ladeira do Curuzu. Nestes desenhos são também destacados o posto médico, o final de linha de ônibus ou “Largo do Curuzu”, as escolas Tereza Conceição Menezes e Celina Pinho e o terreiro Vodum Zô, que foi identificado por alguém ligado a ele.

Os quatro mapas restantes apresentam características diferentes. Por exemplo, no desenho de *Rafael Conceição de Figueiredo (18 anos)*, foram identificadas algumas casas e a sede do Ilê Aiyê, sendo que esta aparece bem grande, dando a idéia de destaque; no desenho de *Flávio Alexandre da Silva (63 anos)*, aparece uma linha reta sem nenhum elemento do bairro; no desenho de *Fábio Ferreira da Cruz (23 anos)*, morador da Rua da Alegria, é identificada apenas a Ladeira do Curuzú; no desenho de *Geni Capinam das Virgens (24 anos)*, o Curuzú aparece como um grande coração, no qual ela insere o Bompreço, dando a idéia de entrada do Curuzú, aparecendo também algumas árvores e algumas pessoas.

Nos mapas mentais foram identificados 32 referenciais, dentre os quais os mais desenhados foram: o Bompreço (11 vezes), o Ilê Aiyê (9 vezes), a Ladeira do Curuzu (6 vezes), o Largo do Curuzu ou final de linha de ônibus (6 vezes), o Posto Médico (6 vezes) e a San Martim (5 vezes). Tais referenciais traduzem a importância do Curuzu para seus moradores. Subjetividade e intersubjetividade se relacionam à objetividade das formas espaciais, no âmbito de uma forte sensibilidade associada aos aspectos culturais do espaço (SOUZA, 1989, p. 143).

Verificou-se uma certa dificuldade dos entrevistados para identificar os referenciais no mapa. Nota-se que muitos não conseguem lidar com mapas; isto pode ser também decorrente da dificuldade, para esses moradores, de perceber o bairro como um todo. O Curuzu apresenta-se como um bairro segregado, devido também ao isolamento de suas partes interiores. Entretanto, alguns referenciais foram identificados, como os colégios Tereza Conceição Menezes e Celina Pinho, que foram marcados 6 vezes; a Ladeira do Curuzu, marcada 8 vezes; o posto médico, um dos mais identificados, aparece 9 vezes; e o Ilê Aiyê, que só foi marcado 3 vezes.

Três entrevistados identificaram a Ladeira do Curuzu, na entrada do Bompreço, ao invés de marcar após o Largo, sua localização exata; porém conseguiram identificar o posto médico e o Largo corretamente. Oito dos entrevistados encontraram no mapa os limites do bairro, mas erraram na localização dos referenciais e apenas três entrevistados conseguiram encontrar os limites e alguns referenciais do bairro corretamente.

AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

No Curuzu, são notáveis os aspectos culturais que demonstram sua ligação com a cultura afro-brasileira. Isto esteve muito presente no decorrer da entrevistas, que tratam, em especial, da cultura negra e das manifestações culturais do passado, que hoje não ocorrem mais. Para a compreensão de tais manifestações culturais, é interessante entender o que vem a ser cultura, que, de acordo com Denis Cosgrove (1998, p. 101), não é algo que funciona através dos seres humanos, pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, das quais, muitas não reflexivas e rotineiras da vida cotidiana.

Verifica-se que, para alguns entrevistados, “cultura” tem um significado muito amplo. Para outros, é difícil definir este termo, principalmente, entre os mais jovens. Nos depoimentos, muitos associam cultura à aprendizagem; à dança; ao artesanato; à conscientização; ao trabalho e ao lazer; e muitos acreditam que cultura se refere a todas as manifestações dos seres humanos, à tradição:

“Ah! Cultura pra mim é tudo aquilo que você aprende na escola, na arte, na dança, no candomblé, na Igreja Católica, e que tem condição de passar pra alguém” (Hamilton Sacramento Costa).

“Cultura eu acho que é todo e qualquer tipo de manifestação humana que tem história” (Valdéria Lopes-41 anos).

“Cultura no primeiro plano é desenvolvimento da leitura, porque tem que lutar pelo saber, pela escola, pra surgir a cultura” (Mãe Hida-81 anos).

“Cultura pra mim é alguma coisa que tem a ver com nossos antepassados” (George Silva Martins-16 anos).

“Cultura são manifestações que vêm do povo. A maioria dessas manifestações culturais sempre emanam do povo mais humilde” (Antônio Carlos dos Santos Vovô-51 anos).

“Cultura é tradição do povo, passada de pai para filho, e sempre se mantém viva” (Joselício Cruz Teixeira-34 anos).

“Cultura é um lazer, uma diversão, é criatividade, é aprendizado da vida” (Rita de Cássia Cruz da Purificação-34 anos).

Para Cosgrove (1998, p. 104), o estudo da cultura está fortemente relacionado ao estudo do poder; assim, um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O autor trabalha com o conceito de hegemonia cultural, dividindo as “paisagens culturais” em dominantes e subdominantes, sendo que estas se subdividem em residuais (que sobraram do passado), emergentes (que antecipam o futuro) e

excluídas (que são ativas ou passivamente suprimidas). Atualmente, acontecem no Curuzu, de acordo com os entrevistados, as seguintes manifestações culturais:

Dominantes:

O balé e a dança. Tais manifestações são pouco representativas no bairro. Não foram citadas nas entrevistas, com exceção de apenas uma entrevistada: “Aqui tem muitas festas, candomblé, samba de roda, balé, dança” (Maria José dos Santos Figueiredo-53 anos).

Subdominantes:

Emergentes: o Ilê Aiyê; as palestras ministradas na AMAC; a capoeira; o terreiro Vodum Zô, que oferece aulas de capoeira e maculelê; a passeata do dia 13 de maio; o Movimento Negro Unificado (MNU); as danças afro. As manifestações subdominantes emergentes são bastante citadas nas entrevistas, principalmente com relação à presença do Ilê Aiyê, mostrando sua importância no contexto do bairro:

“Aqui no Curuzu é muito forte a questão do negro” (Valdéria Lopes-41 anos).

“Existe o Ilê Aiyê, os terreiros de candomblé, o Movimento Negro Unificado, o festival de música, o dia das crianças...” (Ramnés Santos dos Santos-26 anos).

“Aqui tem muita dança afro, capoeira, maculelê” (Alexandra da Silva Moreira-21 anos).

“Existe aqui o Vodum Zô, a AMAC, onde fazem palestras falando sobre a cultura, a religião, que tem a ver com nossos antepassados” (George da Silva Martins-16 anos).

“Existem as passeatas do dia 13 de maio, para conscientizar o negro do seu espaço” (Joselício da Cruz Teixeira-34 anos).

Residuais: a reza de Santo Antônio. A reza de Santo Antônio ainda ocorre no Curuzu, porque os membros da Associação de Moradores querem mantê-la viva. Mas, de acordo com Antônio Carlos dos Santos, o Vovô (51 anos), esta manifestação tende a acabar: “Hoje a tendência é até acabar, ainda se mantém a reza de Santo Antônio, aqui sai o pessoal da Associação de Moradores, de casa em casa rezando”.

Excluídas: os bailes pastoris; os blocos de carnaval com os bailes de carnaval de rua e as escolas de samba; a festa de São João e as quadrilhas; a lavagem do Curuzu; o samba de roda; o bumba-meu-boi; a páscoa com queima do Judas; a festa de São Cosme. Há muito saudosismo nos depoimentos, em relação às manifestações culturais do passado. Tais manifestações foram suprimidas com o tempo, mas alguns moradores tentam resgatá-las, já que foram marcos para a “vida cultural” do bairro:

“No passado tinha baile pastoril, tinha um bloco africano do Jorge Careca, tinha umas pessoas que faziam aquelas festas de São João. Hoje em dia não tem mais” (Mãe Hilda-81 anos).

“Aqui se fez muita festa aí no largo, shows. Banderava a rua no São João” (Jerônimo Sena Cerqueira-83 anos).

“Tinha baile pastoris, que a gente até pouco tempo queria revitalizar, mas tá muito complicado. Aqui existia carnaval, Piró e Zé Quatro faziam os bailes de carnaval na rua. Tinha quadrilha de São João. Na páscoa tinha queima de Judas, tinha ciranda, hoje não tem mais nada” (Valdiria Lopes-41 anos).

“Antigamente existia a galera do pastorinho. Criaram grupos juninos, existiam vários. No carnaval criavam escolas de samba” (Ramnsés Santos dos Santos-26 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alguns moradores, o Curuzu representa a casa, o bairro onde nasceu e se criou, onde surgiram amizades que se fortaleceram e o que permanece é o respeito e o interesse em mantê-lo vivo; para outros, o bairro passa a ser a única opção de moradia e não tem o mesmo significado; para estes últimos, o bairro não possui uma identidade marcante.

O Curuzu apresenta-se com uma riqueza histórica e cultural muito importante. Isto decorre, principalmente, de sua força como um bairro onde as lutas de cunho social, político e étnico acontecem junto às manifestações culturais. Vale também enfatizar a marcante ligação com a cultura afro-brasileira, pois é evidente a afirmação dos valores da negritude no bairro.

No Curuzu, as manifestações emergentes tornam-se, na verdade, hegemônicas no bairro. Elas só podem ser consideradas emergentes vistas no contexto da cidade, como afirmação da cultura negra numa metrópole que é desigual e excludente. Na cidade, a cultura negra é excluída, mas, às vezes, em alguns contextos, emergente. No Curuzu, é emergente com tendência a dominante.

REFERÊNCIAS

CORREIA, S. dos S. **Conseqüências Sócio-Econômico-Espaciais da Perda de Área Verde dos Templos da Religiosidade afro-brasileira nos Bairros de Plataforma e Curuzu**, Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica (Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1998.

COSGROVE, D. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: Corrêa, R. L. & Rosendahl, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p. 92-122.

DANTAS, M. Gestão, Cultura e Leadership – O Caso de Três Organizações Afro-Baianas. In: FISCHER, T. (org.). **Gestão Contemporânea – Cidades Estratégicas e Organizações Locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 151-163.

SERPA, A. A apropriação do espaço urbano pela criança: A importância do jogo lúdico. **Paisagem e Ambiente - Ensaios**, São Paulo, v. 8, n. 8, p. 177-210, dez. 1995.

SOUZA, M. J. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 140-172, 1989.



VILLASANTE, T. R. Metodologia dos Conjuntos de Ação. In: FISCHER, T. (org.). **Gestão Contemporânea – Cidades Estratégicas e Organizações Locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 37-51.

WAREN, I. S. Metodologia das Redes no Estudo das Ações Coletivas e Movimentos Sociais. In: VI Colóquio sobre Poder Local, 12, 1994, Salvador. **Anais do VI Colóquio sobre Poder Local**. Salvador: NPGA/UFBA, 1996, p. 165-176.